

**ARCO DE PURUS E
BACIA DO SOLIMÕES**
*PURUS HIGH AND
SOLIMÕES BASIN*

Mário Vicente Caputo⁽¹⁾

Com o início das pesquisas de petróleo na região norte do Brasil, a Bacia do Amazonas foi subdividida em três sub-bacias: Alto, Médio e Baixo Amazonas.

Em 1971, foi realizado um estudo do Arco Purus (CAPUTO & VASCONCELOS, 1971), visando a selecionar áreas que pudessem acumular hidrocarbonetos.

A cultura geológica de então admitia para esta bacia uma sedimentação paleozóica contínua entre as sub-bacias do Baixo, Médio e Alto Amazonas. Admitia-se que o soerguimento do Arco de Purus teria ocorrido após a deposição da Formação Curuá Superior (atualmente Formação Faro). Em virtude desta concepção, justificava-se estudar as feições geológicas decorrentes do tectonismo pré-Monte Alegre.

Os poucos poços e dados palinológicos existentes na época, particularmente no flanco oeste do Arco de Purus, dificultaram uma análise mais completa do comportamento estrutural deste arco. Mesmo nestas condições precárias, com reduzido volume de dados geológicos, foi apresentada uma nova concepção para a gênese do Arco de Purus, oferecendo uma nova visão geológica para a Bacia do Alto Amazonas.

A nova idéia concebida a existência de duas bacias independentes, cujo divisor seria o Arco de Purus, uma feição elevada desde o início da sedimentação até o Mesocarbonífero (Namuriano). Em decorrência, as transgressões dos mares pré-pensilvanianos teriam invadido a Sub-Bacia do Alto Amazonas pelo lado oeste e as sub-bacias do Médio e Baixo Amazonas pelo lado leste. Após um período de erosão, devido ao abaixamento do nível do mar, e com a transgressão neocarbonífera iniciando-se através da região andina, o Arco de Purus foi encoberto, ocorrendo uma conexão marinha intermitente em toda a região, atingindo mesmo a Bacia do Parnaíba.

Tal idéia, pioneira acerca da origem do arco, não obteve aceitação generalizada por parte da comunidade geológica, não tendo sido considerada em vários trabalhos posteriores.

A partir de 1984, com mais dados de poços e levantamentos sísmicos, retomamos o assunto (CAPUTO, 1984, 1985, 1986), propondo a separação formal dessas duas bacias, denominando Bacia do Solimões a Sub-Bacia do Alto Amazonas, e erigindo uma coluna estratigráfica informal independente para as unidades pré-pensilvanianas. Concluímos, então, que teria ocorrido um amplo *onlap* da seção pré-pensilvaniana, no sentido oeste-leste na Bacia do Solimões, bem como sugerimos a não-conexão marinha entre as duas bacias até o Mesocarbonífero (Namuriano). Sugerimos também um modelo estrutural capaz de prever acumulações de hidrocarbonetos mais a leste do Campo de Juruá no mesmo alinhamento estrutural (CAPUTO, 1985), confirmado no ano seguinte pela descoberta de óleo e gás do rio Urucu. Tais idéias começaram a ser paulatinamente aceitas pelos geólogos exploracionistas atuantes na área.

Utilizando maior gama de dados, foi programado um projeto mais completo de zoneamento bioestratigráfico do Paleozóico da Bacia do Solimões (QUADROS, 1987) e paralelamente foi elaborada uma tese de mestrado sobre sua litoestratigrafia, magmatismo e geoquímica (SILVA, 1987). Estes estudos foram unânimes em demonstrar a independência de ambas as bacias até o Eocarbonífero, consolidando os conhecimentos geológicos da região.

Ao final de 1987, o Departamento de Exploração aceitou as duas bacias como unidades independentes e considerou inapropriados os termos geológicos Médio Amazonas e Baixo Amazonas para destacar segmentos da Bacia do Amazonas delimitados entre os arcos de Gurupá e de Purus (BACOCOLI, 1987).

Fica, assim, estabelecida a existência de duas bacias paleozóicas na região amazônica do Brasil, Solimões (antiga Alto Amazonas) e Amazonas (antigas Médio e Baixo Amazonas), apresentando evoluções geológicas diferentes e separadas entre si pelo Arco de Purus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACOCOLI, G. *Relatório de viagem à*

1 - Setor de Geoquímica, Divisão de Exploração, Centro de Pesquisas.